

Literatura infantojuvenil em interface com temas da ciência e da saúde pública: um relato da experiência Portinho Livre¹

Juliana Krapp²

Marina Ramalho³

Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Resumo

O aumento da desinformação, a desconfiança na ciência e a escalada de negacionismos são traços do tempo presente que ilustram alguns dos grandes desafios de instituições de saúde coletiva. Desafios que reivindicam estratégias renovadas de comunicação pública e de divulgação científica. Neste artigo, narramos a experiência da Portinho Livre, repositório em acesso aberto da Fundação Oswaldo Cruz, que reúne livros infantojuvenis sobre temas relacionados ao universo científico, à saúde pública e à cidadania – um projeto com a missão de aliar a arte literária à divulgação da ciência, reunindo trabalhos que incentivem a criatividade e o pensamento crítico de crianças e adolescentes. Ao refletirmos sobre critérios de seleção dos títulos, ponderamos, ainda, sobre as dificuldades de aferir qualidade em obras infantojuvenis, sobretudo aquelas na interface entre literatura, cidadania e ciência.

Palavra-chave: literatura infantojuvenil; divulgação científica; comunicação pública da ciência; educação

Introdução

Uma parcela significativa dos jovens brasileiros (67%) afirma ter muito interesse ou interesse por temas associados à ciência e à tecnologia; 66%, por medicina e saúde; 77%, por meio ambiente. Apesar disso, apenas 8% dos jovens conseguem se lembrar do nome de um cientista brasileiro — e, deste percentual, alguns acabaram citando pesquisadores estrangeiros. Somente um em cada dez jovens vê a ciência que é feita no Brasil como avançada. E sua participação em atividades científico-culturais é baixa: apenas 8% asseguraram ter visitado museus de ciência no ano anterior à pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Literatura Brasileira, jornalista e tecnologista em saúde pública do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (IciCT/Fiocruz). E-mail: juliana.krapp@fiocruz.br.

³ Doutora em Educação, Gestão e Difusão em Biociências, pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (Museu da Vida Fiocruz) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (COC/Fiocruz). E-mail: marina.ramalho@fiocruz.br.

Estes são alguns dos resultados do trabalho *O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia*, uma *survey* realizada em 2024 com pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos. Em conjunto, vão ao encontro de desafios cruciais de nossos tempos, como a ampliação da desinformação, a desconfiança diante do campo científico, a escalada de negacionismos.

No contexto disso a que alguns autores chamam pós-verdade, “estamos passando de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para outro regulado pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal” (Sacramento, 2018, p.5). Na guinada subjetiva da cultura contemporânea, é a experiência que tem legitimado o conhecimento sobre o que é crível, assumindo autoridade e dando concretude às narrativas. Testemunhos pessoais, relações afetivas de confiança, preceitos, dogmas e emoções revelam ter mais poder de credibilidade do que fatos postulados pela ciência ou pelo jornalismo, por exemplo (Oliveira, 2020).

“As pessoas têm preferido acreditar em quem conhecem do que nas instituições. Este é um enorme desafio para a saúde, que deveria abandonar o paradigma acusatório da ‘falta’ – é falta de informação, de conhecimento, de letramento midiático”, evoca Sacramento (2018, p.6), acrescentando que, do ponto de vista da comunicação, as instituições que compõem a saúde pública no Brasil deveriam buscar cada vez mais atuações locais para promover informação e educação, estando dispostas ao diálogo e abrindo-se ao contraditório. “Isso acaba com os boatos? Não. Mas torna as instituições mais democráticas, e os usuários do Sistema Único de Saúde com outras possibilidades de informação e formação” (idem).

Não à toa, temos assistido ao crescimento da discussão, técnica e acadêmica, sobre comunicação pública no Brasil. Estamos nos referindo, é claro, à noção de comunicação pública não como difusão pública de ideias ou como comunicação governamental — uma associação ainda frequente —, mas sim como aquela que coloca a “perspectiva do conjunto da sociedade e do indivíduo-cidadão acima das instâncias governamentais, privadas, midiáticas, pessoais e políticas” (Duarte, 2011, p.4). Aquela que busca viabilizar o direito social individual e coletivo à informação, à expressão, ao diálogo e à participação. Aquela que tem como objetivo o atendimento do interesse público e da sociedade, simbolizado pelo cidadão.

A Política de Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2017), considerada uma das mais importantes instituições de ciência e de saúde da América

Latina, enfatiza que o direito à comunicação é inalienável do direito à saúde; um bem público e uma das determinações sociais da saúde. Dentre seus princípios, defende o diálogo com os mais variados segmentos da sociedade, contemplando a diversidade cultural, regional e social da população brasileira, bem como os diferentes contextos em que se expressam.

Instaurada em outra dimensão técnica e campo de saber, mas com premissas e objetivos convergentes, a Política de Divulgação Científica da Fiocruz (2021) também exalta a necessidade de buscar a diversidade e a pluralidade de públicos e estratégias. Busca estimular a apropriação social do conhecimento científico, contribuindo com a proposição de políticas públicas e democratizando o debate sobre a ciência no Brasil.

É na interseção entre essas duas políticas, assumindo a necessidade de fortalecer estratégias de comunicação pública e levando em conta os desafios da atual conjuntura social e histórica, que o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) lançou a Portinho Livre, em 2023. Um espaço online que reúne livros infantojuvenis em acesso aberto, em temas relacionados ao universo científico, à saúde pública e à cidadania. Um repositório que agrupa obras que já existem, tornando mais simples o acesso a elas. Dentro dele, a Portinho também representa um selo, publicando livros inéditos, com a missão de “aliar a arte literária à divulgação científica, reunindo trabalhos que incentivem a criatividade e o pensamento crítico de crianças e adolescentes”, como indica sua Política Editorial⁴. Até o fechamento deste texto, a Portinho Livre contabilizava sete títulos, disponíveis para qualquer internauta: dois livros até então inéditos, publicados pelo selo; e quatro que já existiam no acervo da Fiocruz.

Neste artigo, vamos narrar a trajetória do projeto, analisando conquistas, desafios e potencialidades. Com isso, buscamos contribuir para a reflexão sobre o enlace entre literatura infantojuvenil e divulgação científica, bem como entre literatura infantojuvenil e saúde pública — especialmente no tempo presente, que reivindica outras formas de estabelecer relações entre instituições e seus públicos, instituições e sociedade.

Literatura para burlar distâncias

A cena se passa no fim de 2020, quando a pandemia de covid-19 ainda exigia o regime de distanciamento social. Numa reunião online, duas profissionais da Fiocruz

⁴ Link: <https://portolivre.fiocruz.br/index.php/politica-editorial>. Acesso em 20 de jun. de 2025.

observavam juntas o calendário de efemérides do ano seguinte e lamentavam: tão cedo não seria possível realizar atividades presenciais.

Uma data específica as deixava especialmente frustradas: 11 de fevereiro, o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. Nos anos anteriores, o campus da Fiocruz, em Manguinhos, recebera grupos de adolescentes, alunas de escolas públicas do Rio de Janeiro, para conhecerem de perto seus laboratórios e seu vasto rol de atividades e serviços. A curiosidade das meninas diante do trabalho das cientistas, sua surpresa ante a diversidade de campos científicos, as inúmeras perguntas sobre os projetos de pesquisa tornaram a atividade um momento não só de descontração e de quebra de rotina, mas também de reflexão quanto à capacidade de esse tipo de interação gerar novas descobertas, inquietações e percepções, de ambos os lados.

E se pensássemos num produto que prosseguisse estimulando a curiosidade e promovendo a aproximação entre meninas e pesquisadoras? Foi assim que nasceu a ideia do livro *Histórias para inspirar futuras cientistas* (Krapp, Bonfim, 2021). Voltado a crianças na faixa de 9 a 10 anos, narra a trajetória de 13 cientistas que tiveram passagem pela Fiocruz e que deram contribuições extraordinárias à ciência. Como, por exemplo, Maria Deane, Bertha Lutz, Margareth Dalcomo e Nisia Trindade Lima.

O livro seria uma oportunidade de prosseguir estimulando o interesse e a curiosidade de crianças e adolescentes pelas carreiras científicas, mesmo em tempos de distanciamento social. Seria, claro, ferramenta para incentivar o enfrentamento à desigualdade de gênero na ciência, ao mostrar às leitoras que lugar de menina é onde ela quiser. Seria um instrumento de preservação de memória e de homenagem às cientistas brasileiras. E seria, também, uma experiência no uso da literatura infantojuvenil para a divulgação científica. Uma experiência nova para o Iciect e uma seara ainda pouco explorada pelas instituições brasileiras.

Lançado na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) de 2021, *Histórias...* foi o primeiro livro infantojuvenil publicado pela Edições Livres, selo vinculado à Porto Livre, plataforma em acesso aberto da Fiocruz. Aliás, foi, durante muitos meses, o único livro voltado a crianças e adolescentes em toda a plataforma. Logo instaurou-se como uma das obras mais acessadas no acervo, revelando métricas surpreendentes. Além disso, conseguimos fazer uma pequena tiragem de livros físicos, distribuídos gratuitamente para escolas, projetos de leitura e atividades educativas.

Com o tempo, o livro foi se desdobrando em outros projetos e atividades. As contadoras de histórias do Museu da Vida Fiocruz gravaram algumas das narrativas, criando audiovisuais para o YouTube. As unidades regionais da Fiocruz realizaram leituras e atividades, usando o livro como mote. A Fiocruz Brasília desenvolveu o projeto *Histórias para inspirar no DF*, no qual convidou alunos do 6º ao 9º ano da rede pública de ensino no Distrito Federal a selecionarem e entrevistarem pesquisadoras, produzindo seus próprios textos e ilustrações. Os melhores deram origem a um livro.

O interesse pelo *Histórias...*, materializado na busca por exemplares e pelos desdobramentos em outras atividades, foi a gênese da Portinho Livre. Lançada na SNCT 2023, a plataforma integra a Porto Livre, mas com projeto visual e política editorial próprios.

A proposta é que seu acervo seja composto por obras de três origens distintas: a. livros já existentes, publicados por outros institutos da Fiocruz ou por demais instituições ou selos editoriais; b. manuscritos submetidos por autores; c. livros inéditos, feitos sob encomenda, sobre temas em sintonia com nossa política editorial. Nos três casos, os trabalhos devem ser avaliados pelo conselho editorial da Portinho Livre.

O primeiro lançamento da Portinho Livre, e que marcou a publicação da própria plataforma, foi *Maria Rosa, o amor e as vacinas* (2023). Buscamos, para esse primeiro lançamento, uma autora e uma ilustradora já experientes e reconhecidas no mercado editorial, hábeis em criar narrativas marcadas pela criatividade e pela delicadeza: Sônia Rosa e Graça Lima. A encomenda feita a elas foi por uma história que pudesse abordar, de forma lúdica, a importância da vacinação com crianças na faixa etária de 7 a 8 anos.

Além do *Maria Rosa...*, a Portinho Livre foi ao ar com cinco livros não inéditos: o *Histórias para inspirar futuras cientistas* e quatro obras⁵ que integravam o acervo do Museu da Vida Fiocruz. Em paralelo à publicação da plataforma e do selo, lançamos também o 1º Concurso Portinho Livre de Literatura Infantojuvenil. Voltado a adolescentes de 13 a 16 anos de todo o Brasil, o concurso teve como primeiro tema “O bonde da vacina: cuidar de si para cuidar do outro”. Recebemos 166 textos, de todas as

⁵ São elas: *Descobertas com Bernadete durante a pandemia da Covid-19* (2023), escrito por Beatriz Schwenck e ilustrado por Wesley Combo; *Costa Lima: Um cientista, um laboratório e uma coleção de insetos* (2021), escrito por Cláudia Oliveira e ilustrado por Caio Baldi; *Nos trilhos da ciência: Uma história dos cientistas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas* (2019), escrito por Cláudia Oliveira e ilustrado por Caio Baldi; e *Oswaldo e seu castelo* (2011), escrito por Cláudia Oliveira e ilustrado por José Siqueira Neto e Sérgio Magalhães. Todos os livros estão disponíveis em: https://portolivre.fiocruz.br/index.php/portinho_livre

regiões do país; destes, uma comissão julgadora selecionou os 30 melhores, que integraram um livro — o segundo lançamento da Portinho Livre.

O concurso literário teve uma segunda edição, em 2024, e, na data em que encerramos a escrita deste artigo, está com inscrições abertas para sua terceira edição. O selo Portinho Livre tem ainda um livro inédito no prelo: *Curumim Wiz e a mãe natureza – uma aventura pela saúde indígena*, escrito por Cristino Wapichana e ilustrado por Kássia Borges.

Apesar das conquistas, inúmeras surpresas e dificuldades marcam esses quase dois anos de Portinho Livre. Um aspecto que podemos destacar, por exemplo, é a demanda por exemplares físicos das obras. A plataforma foi criada com o propósito de agrupar, num único lugar, diferentes livros infantojuvenis em versão digital — o que tornaria o acesso a eles mais democrático. E, no entanto, temos recebido inúmeras solicitações de envio de livros físicos, especialmente por professores, que alegam que as obras em papel ainda são a melhor forma de trabalhar em sala de aula.

Outro desafio é a implementação de recursos de acessibilidade nos livros e na plataforma em si: uma ação que julgamos fundamental, mas que não conseguimos ainda efetivar por limitações de recursos. Da mesma forma, seria muito importante desenvolver uma pesquisa de recepção ou uma análise avaliativa que nos indique o uso das obras em salas de aula e projetos de leitura, amparando a definição de rumos para o selo e para o acervo.

No entanto, não vamos nos aprofundar em nenhum desses desafios, por ora. Neste artigo, gostaríamos de nos debruçar sobre um aspecto em especial.

Nossa expectativa, quando criamos o projeto, era ampliar o acervo de livros em fluxo contínuo, acolhendo depósitos de autores e de demais editoras ou projetos, à semelhança do que já ocorre na Porto Livre e em outros repositórios. Também buscamos fazer a captação ativa de obras. Nesta jornada, porém, esbarramos num ponto incontornável: as singularidades da literatura para crianças e adolescentes. Singularidades que se tornam ainda mais sensíveis no contexto de livros que abordam temas científicos, questões relacionadas à saúde pública e à enorme pluralidade da sociedade brasileira. Diferentemente dos livros de perfil científico que disponibilizamos nos acervos da Fiocruz voltados a adultos, a Portinho Livre tem desafios extras. Suas obras não precisam apenas informar, estimular o debate, compartilhar conhecimento, promover a ciência. Elas precisam cativar a atenção de leitores extremamente exigentes: crianças e

adolescentes. Para isso, lançam mão de recursos que pertencem aos fenômenos sociais humanos — o discurso poético, a ficção e a fantasia (em parte dos casos, pelo menos) — e, por isso, são essencialmente subjetivos, ambíguos, dialógicos. Recursos que, quando eficazes, convidam os leitores não a terem certezas e a acatarem verdades, mas sim a reformatar o mundo à sua volta. Convidam os leitores a reorganizar o que pensavam sobre o mundo, reconfigurando a si mesmos e, assim, tornando-os mais aptos a exercer o pensamento como forma de saber proteger a dúvida (Bernardo, 2005).

Literatura infantojuvenil: a questão da qualidade

Como definir o que é qualidade numa obra infantojuvenil? A literatura infantil pertence à arte literária ou à área pedagógica? Estas são questões que há tempos rondam o pensamento crítico sobre a produção literária para crianças e adolescentes, sem alcançar respostas definitivas — embora haja muitas possibilidades de persegui-las.

São perguntas importantes porque ilustram um dos desafios da Portinho Livre: como avaliar quais obras devem e quais não devem integrar o nosso acervo? Vamos disponibilizar todos os livros sugeridos por autores, cientistas e parceiros, que tentem abordar temas pertinentes à nossa política editorial, e que não apresentem falhas técnicas e nem infrinjam requisitos éticos e de divulgação científica? Ou vamos avaliar também a *qualidade literária* — essa expressão tão perigosa — dessas obras?

Em seu clássico *Literatura infantil*, Nelly Novaes Coelho (2000) chama atenção para a coexistência de duas atitudes polares na produção literária para crianças: a intenção artística e a intenção educativa. Uma dimensão que enfatiza o entretenimento, o jogo descompromissado, a criatividade; outra que oferece fatos cientificamente comprovados ou situações reais, transmitindo valores e ideários já sistematizados, sob a égide do que alguns chamam “literatura informativa”. Ocorre que, em geral, uma das atitudes prevalece sobre a outra, como aponta a autora:

Daí os excessos e os equívocos que proliferam em certa produção infantil mais recente. Não só os livros publicados, mas também as centenas de originais enviados a concursos ou entregues às editoras, revelam que, na maioria, predomina a gratuidade (livros que, em lugar de serem divertidos, como se pretendem, são apenas tolos e cacetes, ou, então, fragmentados e sem sentido). Ou então são obras sobrecarregadas de informações corretíssimas, mas que, despidas de fantasia e imaginação, em lugar de atrair o jovem leitor o afugenta. (2000, p. 48)

Na busca por captar obras infantojuvenis para a Portinho Livre, nos deparamos com inúmeros livros que, apesar de muito bem-intencionados em sua busca por informar a respeito de temas da ciência e da saúde pública, fazem isso recorrendo a clichês e lugares-comuns. Narrativas que buscam *ensinar* ou *apresentar* aspectos e desafios do mundo contemporâneo, e até recorrem à fantasia para isso. Mas que tramam essa fantasia de maneira pobre, empenhada em transferir conteúdo de forma vertical, com encadeamento e desfechos óbvios, incipiente no quesito “pluralidade de interpretações”.

À guisa de exemplo, podemos citar a frequência com que temos percebido, nessas obras, a associação à ideia de “super-herói” para enfatizar os aspectos positivos de alguma coisa. Não raro, profissionais de saúde são representados como super-heróis; o SUS é um super-herói; animais em vias de extinção, que ainda resistem, são super-heróis. Ora, afirmar que algo ou alguém é um super-herói, sem construir uma trama engenhosa que cativa a simpatia dos leitores, não convence ninguém. Mas o pior é o perigo oculto nesse tipo de associação. Profissionais de saúde não são super-heróis: são trabalhadores que têm direitos, desafios cotidianos e, não raro, enfrentam condições precarizadas de trabalho. O SUS é uma construção que, longe de ter super poderes, ainda precisa de muitas melhorias para lidar com as enormes desigualdades da sociedade brasileira. E animais em risco de extinção são espécies vulneráveis que só podem ser salvas com mudanças significativas nos modos de vida dos humanos.

“A Literatura não responde nada. Literatura pergunta”, assegura em depoimento Pedro Bandeira (Oliveira, p. 183, 2005), um dos mais longevos e bem-sucedidos autores de ficção infantojuvenil em atividade no Brasil, em depoimento em que esbraveja contra o paradidatismo. “Nada é mais letal para a Literatura quanto essa praga de ‘aproveitar a carona’ de uma história, para ‘ensinar’ algum conteúdo”, acusa (p. 182, 2005), ressaltando que não tem nada contra os livros que buscam ensinar ou reforçar detalhes do conhecimento — só não acha que sejam literatura. Segundo essa visão, seria a divulgação científica (DC) incompatível com a literatura? Se tomarmos como base autores que definem a DC como mera simplificação, tradução ou reformulação do discurso científico (Bueno, 1985; e Epstein, 2012), de fato as duas atividades seriam inconciliáveis. No entanto, ao expandirmos o conceito de divulgação científica para uma “diversidade de ideias, conceitos, práticas e cenários que produziram, produzem ou representam a ciência” (Lima, Giordan, 2021, p.380) e que contribuem para o fortalecimento de uma

cultura científica, a DC e a literatura podem se retroalimentar fertilmente, borrando suas fronteiras.

Afinal, assim como a divulgação da ciência, a “literatura tem um papel importante na formação do sujeito, contribui para a construção reflexiva e transformadora” (Patriarcha-Graciolli *et al*, 2023). No que tange ao público infantojuvenil, o aspecto da formação de pensamento crítico se torna ainda mais relevante e se coaduna com os objetivos tanto da ciência *per se* quanto da divulgação científica. É importante ressaltar, ainda, o aspecto lúdico da literatura, que pode favorecer o contato e a interação de crianças e adolescentes com diferentes aspectos da ciência e da cultura científica de forma mais ampla (Massarani, 2007). As crianças, sobretudo, estão numa fase em que a curiosidade se expressa de forma acentuada, levando à elaboração de perguntas que expliquem e dissequem o mundo – mas para as quais nem sempre teremos respostas, assim como opera também a ciência. Logo, o entrelaçamento entre literatura – sobretudo a infantojuvenil – e a divulgação científica é um terreno muito fecundo.

A origem daquilo que chamamos de literatura é uma dúvida radical — e o “reconhecimento dessa dúvida é fundamental para aquilatar a qualidade do pensamento da literatura e do pensamento sobre a literatura”, assegura Gustavo Bernardo (p. 9, 2005). Num contexto social marcado por tantas dificuldades para se lidar com as incertezas — inclusive a incerteza no bojo da ciência — não seria o caso de assumirmos a literatura como um instrumento para amadurecer, nas crianças, a relação com essas incertezas? Não seria o caso de buscarmos mais ficção — ficção como experiência que, via leitura, nos faz reconfigurar o mundo, reorganizar o que pensávamos sobre o mundo — sem, porém, nos apresentar certezas ou solo firme, e sim perguntas? Não são as perguntas o ponto de partida e a matéria-prima da ciência? Nestes dois anos, ainda estamos imersos nos muitos aprendizados e surpresas associados à construção de um acervo de livros infantojuvenis que fortaleça a comunicação pública e a divulgação científica. Por ora, talvez a única sentença possível quanto ao critério central para a seleção de livros para a Portinho Livre seja: buscamos obras que incentivem crianças e jovens a fazerem novas perguntas — e a questionar as respostas.

Referências

BERNARDO, G. **A qualidade da invenção**. In: OLIVEIRA, I. (org.). O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BUENO, Wilson. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente.** Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

DUARTE, Jorge. **Sobre a emergência do(s) conceito(s) de Comunicação Pública.** In: “Comunicação Pública, Sociedade e Cidadania”, organizado por Margarida Maria Krohling Kunsch Difusão Editora (2011), pags. 121-134. Versão disponível na ABC Pública. Link: <https://abcpublica.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Comunica%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica-VF-Cap%C3%ADtulo.pdf>. Acessado em 10 de jun. de 2025.

EPSTEIN, Isaac. **Comunicação da ciência: rumo a uma teoria da divulgação científica.** Espaço aberto, v.9, n.16-17, p.19-38, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2012.139126>.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Política de Comunicação da Fiocruz.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Política de Divulgação Científica da Fiocruz.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

KRAPP, J.; BONFIM, M. **Histórias para inspirar futuras cientistas.** Ilustrações de Flávia Borges. Rio de Janeiro: Edições Livres, 2021.

LIMA, G. S. & GIORDAN, M. (2021). Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, 28, 375-392.

MASSARANI, L. et al. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia - 2024** [resumo executivo]. Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Disponível em: https://inct-cpct.fiocruz.br/wp-content/uploads/2024/05/FINAL_ebook_O-QUE-OS-JOVENS-BRASILEIROS-PENSAM.pdf.

MASSARANI, L. (Org.). (2007). **Ciência & Criança: A divulgação científica para o público infante-juvenil** (1ª ed.). Rio de Janeiro: Museu da Vida. Acesso em 4 de jun. de 2025.

NOVAES COELHO, N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

OLIVEIRA, I. (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

OLIVEIRA, T. M. (2020). **Como enfrentar a desinformação científica?** Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **LIINC EM REVISTA**, v. 16.

ROSA, S. **Maria Rosa, o amor e as vacinas** [recurso eletrônico]. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Portinho Livre, 2023.

SACRAMENTO, I. **A saúde numa sociedade de verdades.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018.

PATRIARCHA-GRACIOLLI, S. R.; RECENA, M. C. P.; ALMEIDA, O. A.; ZANON, A. M. Construção de uma matriz para análise de literatura infantil com propósito na educação científica e educação ambiental. **Ciê. Educ.**, v. 29, e23055, 2023.